



Não nos podemos esquecer de que, ao fim e ao cabo, são as pessoas que vivem animadas pelo espírito evangélico que evangelizam. O estilo de vida do evangelizador faz parte integrante da sua ação evangelizadora. Um estilo de vida que não concorda com certos esquemas de vida desumanizada vigentes na sociedade (austeridade, solidariedade para com os mais

esquecidos e marginalizados, reação firme perante as injustiças e os abusos, disponibilidade para colaborar na criação de uma sociedade mais humana, alegria interior, feito amigável, esperança...). **“Através deste testemunho sem palavras, estes cristãos colocam, aos que observam a sua vida, questões que dificilmente poderemos evitar: Por que são eles assim? Por que vivem desta forma? O que é que, ou quem é que os inspira?”** São crentes assim que podem dar novo impulso a uma pastoral dotada de força evangelizadora.

J.A.PAGOLA, *Acción pstoral para una nueva evangelización*, Santander 1991, p. 59

## falta de presbíteros e estrutura das paróquias

Desde há bastante tempo que em, algumas partes da igreja católica romana, se nota uma gravíssima falta de presbíteros. Na Alemanha, por exemplo, havia, em 1970, um total de 26.089 presbíteros, a que se acrescentaram, após as últimas ordenações desse ano, mais 303 pastores. Quarenta e cinco anos mais tarde, em 2015, contam-se 14.087 presbíteros tendo em conta já as cinquenta e oito ordenações recentes. Foi uma descida de 25%. Os encargos dos presbíteros mais novos são cada vez maiores, devido ao envelhecimento do clero em funções, e à sua consequente jubilação ou cessação de atividade; deste modo, no ano de 2013, a proporção de presbíteros jovens em relação aos que cessavam funções (por morte ou outras razões) era de um para sete. O enorme desgaste que esta situação supõe, aumenta, ainda mais, os encargos dos presbíteros que se ordenam.

Face à situação atual de falta de presbíteros, é evidente a necessidade de intervenção por parte dos responsáveis pela Igreja, se quiserem que se continue a anunciar a palavra de Deus e a administrar, sem problemas, os sacramentos. Numa situação destas, não se pode manter a tradicional estrutura pastoral. Oferecem-se-nos, basicamente, dois sistemas possíveis: o primeiro, conservador, mantém a situação anterior, modificando as dimensões administrativas de dioceses e paróquias; o segundo, mais inovador, busca soluções não convencionais, para superar a falta de presbíteros. Atualmente, este último sistema apenas o podemos encontrar em ensaios escritos, uma vez que a sua prática exige alterações no direito eclesiástico.

O primeiro sistema pode ser desenvolvido recorrendo a dois modelos: um, em que se mantêm as estruturas atuais e se introduzem, na paróquia, presbíteros de outras dioceses; costuma tratar-se de presbíteros membros de ordens religiosas ou, então, estrangeiros; outro modelo em que se altera a dimensão das paróquias, de acordo com o número de presbíteros disponíveis.

No primeiro sistema, o critério de ocupação dos lugares é a unidade pastoral tradicional; no segundo, o número de presbíteros disponíveis. Afinal de contas, o que se faz é repartir o “bolo” pastoral em fatias cada vez maiores. O pároco, confrontado com uma paróquia deste tipo, não consegue, muitas vezes, suprir as necessidades. O processo de refundição faz-se, umas vezes de forma radical e outras, paulatinamente, passando-se por um estado intermédio de fusão de comunidades mas, ao fim e ao cabo, o resultado é o mesmo: o território a cargo de um único pároco fica maior.

### **PRESBÍTEROS IMPORTADOS**

A solução de nomear párocos para a pastoral diocesana pertencentes a ordens religiosas, não nos deve ocupar muito tempo neste artigo, uma vez que, também, nas ordens religiosas há falta de vocações. E, além disso, tendo em conta que sempre se afirmou que a vocação a uma ordem religiosa não é o mesmo que a vocação ao presbiterado diocesano, o que devemos perguntar-nos é se esta alternativa será, no fundo, uma boa opção, ou se ela não vem, de algum modo, cercear a vocação inicial do religioso.

Muito mais complicada é a situação criada, quando se ocupam as vagas com presbíteros estrangeiros. Na Alemanha há, atualmente, uns mil e oitocentos párocos

estrangeiros, ou seja, uns 12,5% do total. Em alguns arceprestados são a maioria, muitos deles vindos da Polónia e da Índia. As experiências dos paroquianos são ambivalentes. Há padres extraordinários que foram muito bem recebidos, situações de plena satisfação (plena compreensão e identificação de ambas as partes). Mas também não é pouco frequente, a existência de pessoas que se sentem incomodadas (os presbíteros em relação aos paroquianos, e vice-versa). Em princípio, não podemos ficar surpreendidos com o facto de presbíteros, procedentes de um meio e cultura diferentes, terem dificuldade em ser bem acolhidos pelos paroquianos.

A história das missões católicas, desde o século XVI a meados do século XX, constituem um amplo material para o exercício da nossa compreensão. Os missionários pretendiam levar o verdadeiro cristianismo aos “pagãos”. A razão do fracasso das missões jesuítas que tentaram a inculturação na Ásia, não se ficou a dever a outra coisa senão às intrigas eclesíásticas internas. As missões serviram para a colonização daqueles países, propagando a cultura francesa, inglesa ou holandesa, implícita no interior do cristianismo. Aquando da dissolução das estruturas coloniais, em meados do século passado, viu-se bem a importância que este fenómeno tinha tido.

Nas listas de bispos do primeiro Concílio do Vaticano (1869/70), figuravam numerosos bispados africanos e asiáticos, todos eles ocupados por prelados oriundos de antigos países colonizadores. No Concílio seguinte (1962/65), já tinham sido substituídos por pastores indígenas. Deste modo, tiveram origem as teologias autóctones, uma conjugação entre a cultura própria e o cristianismo (por exemplo, a teologia da libertação).

Em teoria, nunca se discutiu que se trata não de uma “des-culturação” dos povos indígenas, mas da sua inculturação na boa nova de Jesus Cristo. Embora o caminho tenha sido longo e cheio de dificuldades, o programa inicial constituiu um êxito. Há mais de cinquenta anos que a igreja mundial é uma realidade.

Quanto aos presbíteros estrangeiros atuais, trata-se de verdadeiros cristãos oriundos da Polónia e de Kerala. Socializaram-se com o cristianismo, num ambiente completamente diferente. É uma espécie de colonização ao invés: são obrigados a renunciar, de uma forma mais ou menos visível, às suas formas próprias de cristianismo, a fim de desenvolverem a sua missão pastoral num ambiente cultural alemão, que pode ser, concretamente, o bávaro, o de Hamburgo, ou o de qualquer dos outros estados da Alemanha.

Não se trata, apenas, de problemas linguísticos. O presbítero oriundo de outra cultura, não pode desempenhar a função de conduzir a Deus um povo que não é o seu, sem entrar em confronto com as suas origens.

De qualquer forma, o problema deixará de existir, muito em breve, pelas mesmas razões mencionadas já, em relação ao clero pertencente a ordens religiosas. Também na Polónia, o número de presbíteros e de paroquianos diminui dramaticamente.

## **UNIÃO DE PARÓQUIAS**

Hoje em dia, não se pode discutir a necessidade de rever e alterar, sem preconceitos, a estrutura das paróquias numa diocese, dividindo o território entre os

presbíteros disponíveis. Há diferentes formas de o fazer, embora a tendência se oriente para a paróquia como unidade. Mas, em todas elas o fundamental deverá ser a escolha do lugar em que irá residir o coordenador. Tarefa que acarretará problemas essenciais, tanto teológicos como antropológicos. Daí não poder ser uma solução estável, mas meramente passageira.

Começando pelos elementos antropológicos, podemos afirmar que nos encontramos na época da globalização. Isto coincidiria com a essência de uma Igreja que reconhece a catolicidade como um dos seus pontos essenciais. O Evangelho não conhece fronteiras culturais, pois Cristo é o salvador de todos. Porém, tornar realidade estas essências, só é possível com o anúncio a nível local. Não existindo uma “linguagem” propriamente cristã, a mensagem religiosa deve ser compreendida pelos homens, no idioma e segundo os esquemas do seu meio imediato. A Igreja universal é - ao mesmo tempo - a pátria local (LG 26). O cristianismo católico-romano foi fiel a este princípio, enquanto fomentou numerosas formas de piedade popular e costumes próprios de cada lugar, sendo este procedimento uma característica da historicidade da Igreja. A Igreja nunca foi uma mera abstração teórica.

Não sendo possível que o bispo atue, pessoalmente, em todo o território a seu cargo, deve dividi-lo em paróquias com presbíteros que o representem (SC 42). Se o estar ligado a um espaço geográfico e cultural concreto é algo a que se não pode renunciar, para que um indivíduo constitua a sua identidade, e a religião faz parte dela, então esta deve, também, fazer parte da sua integração num lugar concreto (pátria). E a pátria sempre foi algo de particular. Os fiéis chegados a uma nova paróquia continuam, durante alguns anos, unidos, afetivamente, ao pároco e aos fiéis da sua paróquia anterior, mas, ao fim de alguns anos, especialmente aquando da segunda geração na nova localização, acabam por se identificar com a nova paróquia.

A macro paróquia criada com a união de várias paróquias, não pode satisfazer as necessidades dos paroquianos. É composta por unidades sociologicamente diferenciadas, sem elementos de coesão interna. Não existe nela o sentimento de pertença a um lugar, a um sítio concreto. Face a esta situação, e na época em que nos encontramos, a maioria dos fiéis acabará por esquecer, definitivamente, a Igreja e as suas obrigações, por exemplo, a missa dominical. O católico obrigado a deslocar-se demasiadamente longe, não tardará a deixar de participar na celebração dominical. Especialmente os mais jovens e os mais velhos.

Os otimistas podem pensar que, com o tempo, os que se foram unindo para formar uma comunidade, acabarão por se sentir membros de um mesmo lugar. Nas atuais condições, porém, só um milagre poderia garantir as vocações necessárias para manter a atual situação, de modo que se terão de ir unindo cada vez mais paróquias, o que acabará por matar, definitivamente, o sentimento de comunidade paroquial.

Finalmente, na situação atual, estabelecer uma relação pessoal com o presbítero, torna-se algo, praticamente, impossível. O pároco é olhado como um chefe de empresa, e não como um pastor. Este pormenor pode ser uma das causas da falta de vocações. É bem sabido que, antes, um grande número de jovens seminaristas seguiam o exemplo recebido do pároco da sua paróquia.

## **A IGREJA DEVE APROXIMAR-SE DAS PESSOAS: LUGAR VITAL (PÁTRIA, HEIMAT)**

Mais importante, ainda, que os dados antropológicos, são os teológicos, a começar pela cristologia. Porque a Palavra (Lógos) se fez homem, é que ela é homem para todos os homens. A encarnação é um facto histórico e concreto. O Filho do homem cresceu numa cultura e língua bem determinadas. Por isso é que Jesus Cristo continua a estar presente, hoje em dia, onde dois ou três se reunirem em seu nome (Mt 18,20), adotando a forma histórica concreta do nosso mundo. A ordem dada pelo mestre aos seus discípulos foi que se pusessem a caminho, que fossem até aos confins do mundo, e convertessem em discípulos todas as gentes. Não se trata que as pessoas se desloquem ao lugar por mim determinado para escutarem a boa nova. Uma comunidade própria, enquanto lugar da presença de Cristo, tem de estar onde os homens consideram ser o seu lugar vital.

Enquanto bispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio s.j. verificou que, na sua diocese, entre 1990 e 2008, o número de pessoas que se consideravam crentes baixou de 90 para 36,5%, das quais apenas 10% ia à missa ao domingo. E tinha sido demonstrado que o raio de atração de uma igreja era de seiscentos metros o máximo; ora, na realidade, as igrejas estavam separadas entre si mais de dois quilómetros. Deste modo, Bergoglio fez com que os seus presbíteros alugassem em diversos sítios garagens e outros espaços, para poderem celebrar missa nos lugares vitais para as pessoas. Só assim lhe pareceu possível uma recristianização realista.

Esta estratégia pastoral é a oposta da praticada, hoje em dia, pela hierarquia eclesial. Não são os homens que devem ir à igreja, é a igreja do *Deus encarnado* que deve aproximar-se dos homens. Trata-se duma questão prévia à preocupação em torno das vocações presbiterais.

É indispensável que as unidades pastorais sejam mais pequenas. A Igreja de Jesus Cristo tem a sua base na Eucaristia, que é a fonte e o culminar de toda a vida cristã (LG 11); é a forma que a Igreja tem de se alimentar e viver (LG 26). A Última Ceia pertence aos atos fundadores da Igreja e, por isso, a sua repetição anamnésica, querida por Jesus (Lc 26,19; cf. 1Co 11,25), tem força suficiente para gerar Igreja ao longo dos tempos (SC 47). É a forma de atualizar o “sacrifício da cruz”, em forma de alimento através dos tempos. Por isso, deve celebrar-se num lugar concreto. Por isso a “única Igreja católica” é formada por igrejas locais, nas quais os homens vivem as suas vidas cristãs. Convém, pois, que a situação e grandeza de uma paróquia possibilite a celebração da Ceia e, portanto, que os fiéis a possam celebrar no mesmo lugar onde decorre a sua vida. O que não evita que possa haver eucaristias suprarregionais, mas que devem ser exceções.

## **EXPERIÊNCIAS VANGUARDISTAS: PARÓQUIA E COMUNIDADE**

Todas as tentativas de manter o sistema pastoral tradicional se convertem em becos sem saída, pois supõem a existência de condições que já não se verificam, de modo que há que procurar novos modelos.

As paróquias existentes poderiam transformar-se numa instância intermédia nova na organização de uma diocese. O pastor seria o interlocutor visível, tanto para o exterior como para o interior. Dentro destas paróquias poderiam criar-se

*comunidades* que garantissem a presença local da Igreja. O pastor responsável ocupar-se-ia também da administração das comunidades. Cada comunidade seria dirigida por uma pessoa de referência, que nela levaria a cabo o trabalho pastoral concreto, por vezes, com a colaboração de uma equipa – de acordo com o pároco e as orientações do bispo. Competir-lhe-ia pregar, fazer o acompanhamento espiritual e celebrar a Eucaristia local. O que acontece, porém, é que, devendo o responsável pelas comunidades celebrar eucaristias, isso implica que ele seja um presbítero ordenado. E lá voltamos, de novo, ao problema prático da falta de presbíteros.

Temos de nos questionar, seriamente, se, de facto, o problema se deve a razões que a Igreja não pode alterar, ou se se trata, antes, de questões teológicas até agora não analisadas, mas que a Igreja pode alterar. Trata-se, aqui, de uma questão radical, para a qual é necessário encontrar uma resposta também radical, sem tabus, pois estes em nada ajudam ao progresso da Igreja.

### **NOVOS HORIZONTES PARA A VIDA PASTORAL?**

Podemos indicar uma multidão de motivos para a triste situação do presbiterado na Igreja católica atual, todos eles alheios à própria Igreja (por exemplo, a secularização no mundo ocidental). Mas há, também, razões de menor importância que, como tais, se podem resolver numa forma muito simples.

Há que centrar a nossa atenção sobre as condições de acesso ao presbiterado, e não estou a pensar, apenas, nas questões ligadas ao celibato, que a Igreja pode facilmente alterar. E há que abordar, também, embora não desenvolva aqui esse tema, o grande tabu do presbiterado das mulheres. Não há que negar que se encontraria aqui uma notável fonte de vocações.

O alto nível académico exigido para o acesso ao presbiterado, é um dos obstáculos que dificultam esse mesmo acesso. É evidente que, numa sociedade dominada pela informação, em que os académicos têm um papel fundamental, é importante que os pregadores do Evangelho estejam bem preparados. Por outro lado, é perfeitamente admissível pensar que, para administrar os sacramentos e proclamar a palavra de Deus numa pequena paróquia, não é necessário completar dez semestres numa Faculdade de Teologia. Há, atualmente, alternativas como os cursos à distância, cuja aplicação se coaduna com protocolos inovadores reguladores dos *virii probati* que constituem os presbíteros nas dioceses. O que não exclui que o pároco coordenador, que deve possuir formação académica, assuma uma função de ajuda subsidiária.

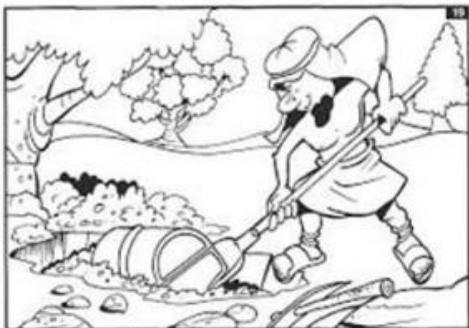
As considerações aqui expressas abrem novas oportunidades de reflexão e inovação. Torna-se urgente encontrar soluções, dado que o passar do tempo, mais não faz do que reduzir o leque de soluções possíveis. Conheço não poucos homens cujo perfil encaixaria, perfeitamente, com o desempenho de um presbiterado modernizado. O seu nível intelectual e espiritual assemelha-se muito ao que é exigido, nos seminários, aos candidatos ao presbiterado. Permanece, pois, aberto o debate, sobre as oportunidades atuais de formalizar um presbiterado adequado à nossa época e bem formado.

**WOLFGANG BEIBERT**

in *selecciones de teologia*, nº 23, vol. 56 (2017), pp163-168

*Priesterangel und Pfarreienstruktur, Stimmen der Zeit* 234 (2016) 695-705

# que diferença há entre uma parábola e uma fábula?



## *Parábola de Jesus*

O reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido num campo. O homem que o encontrou tornou a escondê-lo e ficou tão contente que foi vender tudo quanto possuía e comprou aquele campo. O

reino dos Céus é semelhante a um negociante que procura pérolas preciosas. Ao encontrar uma de grande valor, foi vender tudo quanto possuía e comprou essa pérola (Evangelho de Mateus 13, 44-46).

## *a Raposa e as Uvas*, fábula de La Fontaine

(1621-1695)

Contam que certa raposa,  
Andando muito esfaimada,  
Viui roxos maduros cachos  
Pendente de alta latada.  
De bom grado os trincaria,  
Mas sem lhes poder chegar,  
Disse: “estão verdes, não prestam,  
Só cães os podem tragar!”  
Eis cai uma parra, quando  
Prosseguia seu caminho,  
E crendo que era algum bago,  
Volta depressa o focinho.  
Moral da história:  
Quem desdenha quer comprar.



<http://serradopilar.com/qual-a-diferenca-ha-entre-uma-parabola-e-uma-fabula/>

**P**ENSAI NAS COISAS SUPERNAS, NÃO NAS COISAS DA TERRA. Pois morrestes e a vossa vida foi escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo se manifestar – a vossa vida – então também vós vos manifestareis com ele em glória.

Matai, por isso, os membros do <corpo> que estão na terra: fornicação, impureza, paixão, mau desejo, ganância (que é idolatria), por causa da qual surge a ira de Deus contra os filhos da desobediência, entre os quais também vós caminhastes outrora, quando vivíeis entre eles. Agora, porém, ponde de parte também vós estas coisas todas: ira, raiva, maldade, blasfêmia e o proferimento de obscenidades a partir da vossa boca. Não mintais uns aos outros, vós que vos despistes da pessoa antiga com as suas ações e vestistes a nova, renovada para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador, <pessoa essa> onde não existe grego nem judeu; circuncisão nem prepúcio; bárbaro, cita, escravo, pessoa livre; mas Cristo <é> todas as coisas em todas elas.

Vesti, por conseguinte, como eleitos de Deus <que sois>, santos e amados, corações de misericórdia; <vesti-vos de> benevolência, humildade, gentileza, paciência, suportando-vos uns aos outros e perdendo-vos uns aos outros, no caso de alguém ter uma censura a fazer a outro. Tal como o Senhor nos perdoou, assim <procedei> também vós. E para lá destas coisas todas, <vesti-vos de> amor, que é vínculo da perfeição. E que a paz de Cristo seja árbitro nos vossos corações, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos. Que a palavra de Cristo habite em vós ricamente, vós que ensinando e vos admoestando uns aos outros com toda a sabedoria, cantando a Deus com graça nos vossos corações com salmos, hinos e cantos espirituais <...>. E tudo o que fizerdes em palavra ou em obra, todas as coisas <fazei> em nome do Senhor Jesus, agradecendo a Deus Pai através dele.

(Colossenses, 3, 2-17)